

# Corpo e psicose: articulações entre Psicanálise e Informática

## *Body and psychosis: links between Psychoanalysis and Informatics*

---

Lisiane Machado de Oliveira-Menegotto\*  
Regina de Oliveira Heidrich\*\*

**Resumo:** O presente artigo busca discutir a informática como uma ferramenta mediadora no trabalho com a psicose, a partir do relato de uma intervenção de caráter interdisciplinar, articulando a informática na educação e a psicanálise, com uma jovem de 20 anos, com diagnóstico clínico de psicose. As contribuições da intervenção para avanços na relação da jovem com seu próprio corpo e história são discutidas, considerando-a como um recurso adicional ao tratamento de pacientes com transtornos psíquicos graves.

**Palavras-chave:** Psicose, corpo, Psicanálise, Informática.

**Abstract:** *This paper discusses the computer as a mediator tool in psychosis studies from the report of an interdisciplinary intervention, combining computer technology in education and psychoanalysis, with a youth of 20, diagnosed with psychosis. The contributions for advances in respect of the young one with her own body and history are discussed, considering it as an additional resource to the treatment of patients with severe mental disorders.*

**Keywords:** *Psychosis, body, Psychoanalysis, Informatics.*

---

\* Psicóloga, mestre e doutora em Psicologia do Desenvolvimento/UFRGS, profa. e coordenadora do Instituto de Ciências Humanas, Letras e Artes/Universidade Feevale.

\*\* Tecnóloga em Processamento de Dados, mestre em Desenho Industrial/Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, doutora em Informática na Educação/UFRGS, docente e pesquisadora/Universidade Feevale, atuando no mestrado de Inclusão Social e Acessibilidade.

O presente artigo objetiva apresentar um relato de experiência de atendimento terapêutico e discuti-lo a partir do olhar da psicanálise, considerando, especialmente, o processo de construção da imagem corporal de uma jovem de 20 anos, com diagnóstico clínico de psicose. Apresentaremos e discutiremos uma proposta de intervenção baseada numa abordagem de caráter interdisciplinar, atrelando a concepção de corpo e sujeito da psicanálise com os recursos da informática na educação.

No caso relatado, a intervenção centrou-se, sobretudo, no processo de construção da imagem corporal da jovem, que apresentava inúmeras dificuldades, no que se refere a aspectos motores, de linguagem e de relação com o outro. A imagem corporal é elemento fundamental que compõe a constituição do sujeito psíquico, sendo construída, sobretudo, ao longo da primeira infância. É nesse mesmo período que se dá o alicerce da constituição subjetiva. Nesse sentido, comprometimentos psíquicos decorrentes da psicose, bem como de outras formações psicopatológicas, envolvem problemas na construção da imagem corporal, sendo, portanto, fundamental que um trabalho terapêutico opere nessa lógica e que tenha um efeito organizador.

### **Imagem corporal sob a ótica da psicanálise**

O corpo, como objeto de estudo, envolve diversos campos do saber, podendo ser considerado como corpo biológico, corpo da anatomia e dos estudos intervencionistas e invasivos da medicina; corpo social produto das disciplinas ligadas à sociologia e psicologia social, um corpo em interação com outros corpos; corpo estético e da beleza corporal, que ganha cada vez mais espaço na mídia e no imaginário das pessoas; corpo antropológico; corpo objeto de arte e admiração; corpo histórico; e corpo da psicanálise, corpo subjetivo, abordado pelo instrumental teórico/clínico da Psicanálise. Foi a partir de Freud e sua teoria da sexualidade que a concepção de corpo passa a sinalizar para algo além do biológico, de pura necessidade. Freud aponta para a noção de corpo como erógeno (LAZZARINI; VIANA, 2006).

A expressão *imagem corporal* foi utilizada pelo psiquiatra e filósofo Paul Schilder, em 1923, no sentido de designar as representações conscientes e inconscientes da posição do corpo no espaço, considerando aspectos fisiológicos, pulsionais e sociais (FERREIRA, 2008). Na perspectiva psicanalítica, especialmente na corrente lacaniana, embasamo-nos nos estudos de Dolto (2001) que define imagem corporal como uma representação inconsciente do corpo, diferente do esquema corporal, que seria sua representação consciente ou pré-consciente.

O ser humano nasce com uma estrutura corporal que é própria da espécie, de modo que a cabeça está ligada ao corpo pelo pescoço e os membros superiores e inferiores presos ao tronco. Autores como Pellegrini *et al.* (2003) entendem que é através das experiências motoras que esta estrutura, pouco a pouco, integra-se sob a forma do corpo, cujas características são próprias e únicas. Já autores que são referência na área da psicomotricidade, como Le Boulch (1992), mencionam a relação da criança com o ambiente na construção da imagem corporal. Para ele, a imagem do corpo se organiza em função da quantidade e qualidade da percepção da criança sobre suas experiências motoras, na relação com o ambiente.

A psicanálise, a partir dos estudos de Freud e Lacan, reconhece aquilo que a Psicologia do Desenvolvimento nomeia de ambiente como sendo lugares do outro como semelhante e do Outro como representante da linguagem, da cultura. Nesse sentido, é importante nos reportarmos ao Outro primordial como um lugar encarnado pela mãe, em geral, cujo cuidar não implica somente garantir o bom funcionamento do corpo do bebê e de suas funções biológicas, mas também a condição de olhar e de escutar os apelos do bebê, nomeando suas experiências motoras; isso, considerando o que Freud (1895/1987) mencionou sobre a importância do estado de atenção do semelhante que se ocupa do cuidado do bebê. Assim, para Freud, a insuficiência do bebê torna a sua sobrevivência improvável sem que um semelhante esteja atento a seus apelos. O bebê, nesse sentido, emite um sinal de desconforto e o outro, por meio de ação específica, tentará minimizar sua tensão psíquica, produzindo, assim, uma experiência de satisfação. Lacan (1960/1998), nessa perspectiva, destaca a linguagem como mediadora da ação específica, de modo que a mãe deverá considerar o choro e a agitação do bebê como um apelo, uma forma de comunicação que exige sua leitura atenta. Sendo assim, o bebê se constitui a partir da rede simbólica apoiada pelo saber materno. Embora a rede simbólica seja sustentada pela mãe, deve ter uma referência ao pai, representante da lei que rompe a simbiose inicial entre mãe e filho. Assim, é a lei paterna que inscreve a criança no social e, portanto, no simbólico, caso contrário, a criança ficaria à mercê do Outro Materno.

A ideia central da psicanálise é que o corpo não é dado naturalmente, mas construído no campo intersubjetivo. Nesse sentido, o corpo insuficiente do bebê necessita de alguém que o sustente não somente, assegurando a sua sobrevivência física, mas também possibilitando a emergência do sujeito psíquico. Sendo assim, a imagem corporal não se constrói a partir da perspectiva maturacional. Para a Psicanálise, ela se constitui “mediante uma série de

ações que são mediatizadas sempre pelo simbólico” (LAZZARINI; VIANA, 2006, p. 248).

Nessa perspectiva, as contribuições de Lacan (1949/1998) e Dolto (2001) destacam a noção de que o corpo, que é posto em cena de forma não unificada, se estrutura, sobretudo, pela mediação do Outro, ou seja, da linguagem. Portanto, a psicanálise, fundamentada pelo aforismo lacaniano “o *inconsciente é estruturado* como uma *linguagem*” coloca a linguagem no centro da constituição do sujeito e da imagem do corpo (LACAN, 1972-1973/1982). Desde que nasce, o sujeito já está submetido à linguagem. Sendo assim, do ponto de vista do Imaginário, a imagem do corpo se constitui a partir do outro que marca a constituição subjetiva e a imagem assumida pelo sujeito. Do ponto de vista do Simbólico, o corpo se constitui a partir da relação que se estabelece entre fala-linguagem-corpo (CUKIERT; PRISZKULNIK, 2002). Para Lacan (1953/1998), é a linguagem que possibilita que o corpo, marcado pelo simbólico, possa ir além de sua função no corpo vivo. Do ponto de vista do Real, o corpo seria sinônimo de gozo, definido não como organismo, mas como pura energia psíquica (CUKIERT; PRISZKULNIK, 2002).

A linguagem, inicialmente, está no campo do Outro primordial que vai se ocupar de sua inscrição no corpo do bebê. Como já dizia Dolto (2001), que se dedicou ao estudo da imagem corporal, é na relação com o Outro primordial, aquele que encarna a função materna, que a imagem corporal se organiza. Sendo assim, é no campo intersubjetivo que a imagem do corpo se funda e se organiza. Nessa mesma perspectiva, Bergès (1988) formula o conceito de “corpo receptáculo”, designando ao corpo o lugar de inscrição do Outro. Sustenta tal posição na função da antecipação promovida pelo Estádio de Espelho (LACAN, 1949/1998) e nos efeitos do significante na estrutura da linguagem, destacando os cuidados maternos, o olhar, a palavra, o seio, o gesto no campo da antecipação. Sendo assim, a mãe inaugura no corpo biológico, através da antecipação, a imagem corporal, estabelecendo, segundo Bergès, as bordas do “eu” e do “não-eu”, sobretudo, a partir dos ritmos de presença e de ausência. O bebê, na perspectiva do Estádio do Espelho, se identifica com a imagem oferecida pela mãe. Por essa razão, a identificação é o processo, por excelência, da constituição de um corpo (VORCARO, 2008).

Para alcançar o estatuto de sujeito psíquico, é necessário que o bebê seja, inicialmente, objeto do desejo do Outro Primordial, geralmente, encarnado pela mãe. Trata-se da alienação ao desejo do Outro, referida por Lacan (1949/1998), como o primeiro tempo de constituição do sujeito psíquico. A partir da concepção de que o sujeito se constrói primeiramente a partir do

outro, em especial a partir da imagem que lhe é devolvida pelo semelhante, Lacan coloca a alienação como constitutivo do “eu”. Nesse sentido, estar assujeitado ao desejo do Outro é condição indispensável para a inauguração do sujeito psíquico. Tal assujeitamento se dá pela via da especularidade, fazendo uma alusão à metáfora do espelho, apontada por Lacan (1949/1998), no sentido de uma imagem desde o campo do Outro com a qual o pequeno sujeito se identifica. Para se constituir, é necessário que a criança seja objeto do olhar do Outro (CUKIERT; PRISZKULNIK, 2002). Grant (2007) entende também que a voz do Outro, que junto com o olhar, transpõe o corpo despedaçado em unificado. Transportando essa lógica para a questão do corpo, o que está posto nesse momento é ser um corpo que corresponda à imagem e desejo do Outro Materno. No entanto, o vir a ser um sujeito psíquico não envolve somente a condição de alienação pela via do imaginário, mas também a separação, operação que funda o simbólico. Se no tempo da alienação a lógica é “ser um corpo”, o tempo da separação inscreve a possibilidade de “ter um corpo” (BERNARDINO, 2007, p. 54). A separação se faz possível, na medida em que há a interdição de um terceiro, operada pela função paterna, no discurso materno. Sendo assim, ascender ao estatuto de ter um corpo, requer que o Outro Materno inscreva a presença e a ausência, isto é, a alienação e a separação. Isso porque, inicialmente o bebê faz-se de objeto ao gozo do Outro, alienando-se ao desejo do Outro (CALLIGARIS, 1989). E é pela via da separação que o sujeito se liberta dessa colagem, possibilitando a precipitação do sujeito psíquico, sujeito do desejo e, portanto, sujeito de seu próprio corpo. Seguindo essa concepção, Kupfer e Bernardino (2009) alinham a operação da separação com o conceito de Nome-do-pai. Segundo as autoras, é o Nome-do-pai que traz à criança uma estabilização psíquica, por meio da simbolização da falta, da resposta ao real da angústia de castração e de uma contenção imaginária para o corpo.

Deixar de ser um corpo para ter um corpo é uma operação que parte, fundamentalmente, da inscrição do desejo. Trata-se de ir além da simples manutenção das necessidades, na medida em que o sujeito se constitui numa articulação entre um organismo biológico e uma organização simbólico-social (DOLTO, 2001; BERNARDINO, 2007). Para tanto, o corpo não deve ser tomado apenas como biológico e sim como desejante. É o olhar humanizador que inscreve o corpo como uma unidade, mapeando os seus contornos e delimitando o “dentro” e o “fora”, o “eu” e o “não-eu”, possibilitando a organização da imagem corporal (LEVIN, 1995).

As falhas na constituição do sujeito psíquico que caracterizam a psicose referem-se, sobretudo, ao fracasso na organização do “eu” e da imagem corpo-

ral. Na psicose, temos um corpo que está simbolizado de forma precária, que não é uma unidade imaginária constituída como separada da imagem do corpo materno. Assim, o corpo está referido a um saber materno absoluto, um saber acerca do seu próprio corpo (PAVONE; RAFAELI, 2011). É por essa razão que o corpo, para o psicótico é tido como um estranho, que ainda não alcançou o estatuto de uma unidade. O caso que será objeto de discussão, no presente estudo, é de uma moça com diagnóstico clínico de psicose que estava em atendimento psíquico e fora encaminhada, pela escola, para atendimento em um projeto de Informática na Educação, que visa à inclusão escola; esta pode ser considerada uma importante ferramenta extraclasse de auxílio no processo de ensino e de aprendizagem, especialmente, em situações de deficiência física, mental e paralisia cerebral.

Na perspectiva clínica, partimos da concepção de que o corpo é mediador entre o sujeito e o mundo (DOLTO, 2001). Assim sendo, ter um corpo possibilita a inscrição do sujeito no social, de modo que é justamente essa a problemática que se coloca na psicose. Para o psicótico, o corpo é um objeto estranho, uma alteridade. Trata-se de uma impossibilidade de percebê-lo integrado e como seu, separado do Outro (GOIDANICH, 2003). Um corpo que não saiu da condição de organismo biológico, na medida em que não houve alguém que o mapeasse libidinalmente, introduzindo-o no mundo do humano, da linguagem (KUPFER, 2000). A entrada do sujeito no mundo da linguagem ocorre a partir da interdição paterna, que situa uma borda entre o bebê e a mãe, possibilitando a emergência do sujeito psíquico no bebê, ou seja, um sujeito que se apropria de seu corpo, que abandona a posição de ser refém do desejo materno. É esse assujeitamento que caracteriza a posição do psicótico. Nessa perspectiva, a psicose é efeito do fracasso da interdição paterna.

### **A informática como uma ferramenta mediadora no trabalho no âmbito da psicose**

A tecnologia de informação tem o potencial de facilitar a vida das pessoas, sejam elas deficientes ou não. No âmbito da educação, os *softwares* educacionais estão a cada dia mais sendo utilizados tanto nas escolas pelos professores, como uma ferramenta de auxílio e complementação de sua aula tradicional, sobretudo na perspectiva inclusiva, facilitando aspectos da autonomia e da comunicação (ALMEIDA; PRADO, 1999; DOLLE, 1999; VALENTE, 1993). No contexto terapêutico, sua contribuição tem sido cada vez mais considerada, especialmente, em casos onde há a presença de comprometimentos orgânicos

e psíquicos. Estudos na área das Tecnologias Assistivas (TA) revelam o potencial de uso da informática na educação inclusiva (BERSCHI, 2008).

Nesse contexto, os *softwares* educacionais mais utilizados são os jogos, direcionados à criança, buscando o desenvolvimento de funções cognitivas, tais como atenção e memória. Para Bogatschov (2001), os jogos de computador também promovem situações favoráveis à aprendizagem, pois permitem condutas de cooperação, perseverança, envolvimento com a atividade, organização e autonomia.

Os jogos de computador seguem a mesma essência dos demais jogos. Para tanto, encontramos suporte em Piaget (1969), que afirma que o jogo exerce importância no processo de desenvolvimento da criança. Ainda nessa perspectiva, Fagundes *et al.* (2005), embasando-se nos estudos da Epistemologia Genética de Piaget, afirma que a aprendizagem depende de um processo construtivo que ocorre através de construções e reconstruções dos sistemas de significação e dos sistemas lógicos de cada indivíduo. Nesse sentido, para que o indivíduo faça suas (re)construções é fundamental que isso se dê num campo intersubjetivo, onde ele possa interagir com os objetos, com outros sujeitos, com a linguagem e, mais recentemente, com as tecnologias. Cabe salientar que o computador, para Valente (1993), pode funcionar como um objeto desafiador das capacidades intelectuais do usuário. A partir dessa premissa, o *software* deve ser aquele que propõe ou permite que o usuário complemente e interfira no produto e nas respostas, permitindo múltiplos caminhos de pesquisa e de soluções dos problemas (ALVEZ, 2002). Deste modo, ele poderá ser inovador, desafiador, crítico, provocativo, permitindo a experimentação inerente ao processo de aprendizagem.

No presente artigo, partimos do pressuposto de que a informática, especialmente, os jogos devam ser um mediador, juntamente com a linguagem, auxiliando na construção da imagem corporal e no desenvolvimento de funções intelectuais. Sendo assim, além do seu valor no processo de inclusão escolar, o computador também pode atuar como um importante elemento no processo terapêutico.

Embora a informática na educação esteja sendo amplamente difundida no âmbito da inclusão, especialmente, no âmbito das Tecnologias Assistivas, nossas pesquisas apontaram para uma carência de estudos na área a uma ausência de publicações no que se refere ao uso das tecnologias de informação em intervenções no âmbito da psicose e outros quadros psicopatológicos graves. Encontramos o estudo de Passerino (2005), que discutiu a utilização de tecnologias de informação no trabalho com autistas. Na literatura brasileira,

encontramos estudos relacionados à deficiência física e o uso de computadores, como os de Heidrich (2004), Santarosa (2002) e Santarosa *et al.* (2007).

O caso que será relatado é de uma jovem de 20 anos, chamada aqui pelo codinome de Joana. Ela é trazida para avaliação psíquica pelos pais, por apresentar uma desorganização de pensamento e linguagem, dificuldades significativas de aprendizagem e, eventualmente, crises, denominadas pelos pais de convulsivas, embora nenhuma alteração neurológica fosse identificada em exames neurológicos. De acordo com avaliações médicas, Joana é desprovida de qualquer comprometimento de base orgânica. A avaliação psíquica, entretanto, apontou para um embotamento no que se refere ao comportamento e à cognição, de modo que seus efeitos aparecem nas significativas dificuldades de estabelecer laços de amizade, e de aprender. Seu funcionamento psíquico remete ao diagnóstico de psicose.

Ainda do ponto de vista da avaliação psíquica, as sucessivas sessões com Joana revelaram uma jovem com uma fala tão despedaçada quanto à imagem de seu corpo. Ela falava, mas sua fala era ecolálica. Joana trazia recortes na sua fala sem, necessariamente, haver um sentido convencional que interligasse uns aos outros. Além de fragmentada, na maioria das vezes, a fala não era de sua autoria. Era como se o discurso apontasse para a impossibilidade de ela encarnar o sujeito da enunciação. Muitas vezes o agente que falava por Joana era a mãe. Nesse sentido, muitas de suas falas carregavam expressões utilizadas pela mãe e referências a graus de parentesco, como se fosse a mãe falando. Essa questão é fundamental na clínica da psicose, uma vez que nessa condição psíquica o sujeito é habitado pela linguagem, diferente da neurose, condição em que o sujeito habita a linguagem (HERRMANN, 2004). Isso ocorre porque não houve uma separação do sujeito, ser de linguagem (BRUDER; BRAUER, 2007).

Sua imagem corporal apontava para uma fragmentação, apresentando extrema dificuldade em nomear corretamente partes de seu corpo e de reproduzi-lo em desenhos. Assim, quando, por exemplo, referia dor de cabeça, apontava para o braço. A sensação era de que seu corpo não lhe pertencia, sendo ele um estranho para Joana, o que remete a falhas significativas na constituição da imagem corporal e de sua subjetividade. Isso nos leva a pensar que se trata de um corpo que não foi suposto como algo para além do orgânico, das necessidades. Um corpo cuja dona não era ela, o que pode ser evidenciado nas questões de hábitos de higiene de Joana. Conforme o relato dos pais, ela não tinha independência funcional nas atividades da vida diária, não faz nada sem o auxílio dos pais. Em suma, os pais se ocupam do corpo de Joana. Nesse sen-



tido, além de ela não se encarregar de seu próprio corpo, sua relação com o outro era marcada por constantes invasões, mantendo-a, na maioria das vezes, numa posição de objeto e não de sujeito. Quando há falhas no processo de constituição do sujeito, que inclui marcas simbólicas e imaginárias que o Outro/outro confere ao corpo real da criança; a tendência, conforme Próchono *et al.* (2010), é o de surgimento de sintomas no corpo.

É por essa via que o tratamento psíquico de Joana começou a se delinear. Baseou-se numa relação firmada com Joana em que é suposto um desejo de autonomia, de abandonar a posição de subordinação para ocupar o lugar de sujeito de seu próprio corpo, de sua fala. Trata-se de possibilitar o surgimento de Joana como um sujeito, dotado de um corpo e de desejos e que seja alguém muito além do desejo parental. Trabalho cujos efeitos têm sido bastante lentos, principalmente, em decorrência de uma estrutura psíquica já consumada e, portanto, pouco plástica e permeável a mudanças.

Em função de fraturas em sua estruturação psíquica, Joana sempre enfrentou dificuldades na escola e na aprendizagem. Ao longo de todos os anos de escolarização, Joana se recusava a permanecer em sala de aula, tendo muita dificuldade de constituir laços de amizade com os colegas, sobretudo, no período da adolescência, momento em que os pais resolveram transferi-la de uma escola que sempre frequentou, para uma escola especial. Em relação à aprendizagem, Joana ainda está muito aquém do esperado no processo de tratamento, não conseguindo identificar letras, nem mesmo as do seu nome.

Como a aprendizagem requer que as questões do corpo estejam organizadas, foi necessário investirmos num trabalho de construção da imagem corporal, para que Joana pudesse apropriar-se, posteriormente, da aprendizagem formal, tais como: aprender a ler, escrever, etc. Tendo em vista tais impasses, foi indicado a essa família um trabalho complementar ao tratamento psíquico, no âmbito da informática na educação, que ocorre numa Universidade, por meio de um projeto de pesquisa que utiliza a informática como ferramenta de aprendizagem, auxiliando o processo de inclusão escolar. O projeto atende crianças e jovens que apresentam necessidades educacionais especiais, sendo uma ferramenta de mediação no processo de inclusão escolar, utilizando as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) aplicadas à Educação. O atendimento é realizado individualmente, na frequência semanal, com a duração de uma hora cada, tendo, nesse caso específico, o acompanhamento da Educadora, coordenadora do projeto, e da psicóloga. É importante salientar que a Psicóloga realiza atendimento psíquico à paciente em outro espaço e horário. Entendemos como necessária a participação da Psicóloga no atendi-

mento do projeto, para trabalhar as questões psíquicas inerentes às atividades com o apoio da informática.

As sessões no projeto tinham como foco a construção da imagem corporal. Para tanto, utilizamos *softwares*, que poderiam auxiliar no trabalho com as questões do corpo, de forma lúdica e sempre atreladas às manifestações de desejo de Joana. O trabalho inicialmente se deu em torno da aproximação de Joana com o computador. Assim como seu corpo, o computador era um estranho para ela. Manusear o *mouse*, por exemplo, era algo extremamente complexo para ela, necessitando de um auxílio nas questões de ordem psicomotoras. Nesse sentido, o trabalho corporal já teve o seu início na sua relação com o computador, trabalhando as questões de toque, de olhar e de movimentação. Decorrido um ano, desde que iniciou suas atividades no projeto, Joana ainda necessita de auxílio para manusear o *mouse*, mas consideramos que ela já tenha realizado avanços. Além disso, a partir dos movimentos necessários para a utilização deste hardware, iniciamos as diferenciações de braço, dedos, parte da frente e a parte de trás das mãos, ombro e cotovelo. O que sempre nos chamou a atenção foi a necessidade de retomarmos a mesma proposta a cada sessão, praticamente voltando à estaca zero remetendo a sua dificuldade de apropriação e conservação do conhecimento, em termos de aprendizagem.

Considerando o seu desejo, trabalhamos com *softwares* que reproduzissem o dia-a-dia de uma menina, encenando funções como, vestir-se, tomar banho, pentear o cabelo, seguindo sempre uma sequência. Além disso, trabalhamos por um longo período com fotos dela e de sua família, que retratassem situações desde que era bebê até fotos mais atuais. Trabalho que também surgiu a partir de uma iniciativa de Joana, que trouxe, em uma das sessões, um álbum de fotografias dela e de sua família. Nesses momentos, trabalhamos a questão do corpo e a sua relação com os cenários e situações, na tentativa de montar a sua própria história e designar a ela um lugar nessa família. Ao longo do trabalho com o apoio de *softwares*, conseguimos avanços significativos nas questões de gênero, uma vez que não havia uma diferenciação entre masculino e feminino.

O trabalho da informática na educação com Joana, na perspectiva interdisciplinar, representou conquistas na relação com seu próprio corpo e com sua própria história. Apresentamos um recorte de um ano de trabalho, caracterizado por avanços na constituição da imagem corporal e no processo de vir a ser um sujeito psíquico. Nesse período, mantivemos contato com a escola de Joana, que também apontou melhorias escolares, tais como, participar mais das aulas, se posicionar mais e compreender melhor a rotina escolar, uma vez

que essas questões eram estranhas para Joana e, por vezes, deflagravam crises acompanhadas de desorganização motora. Ressaltamos a importância do trabalho interdisciplinar e, sobretudo, da intervenção interdisciplinar na perspectiva da informática na educação, pois com as contribuições da psicanálise, foi possível entender os impasses, as inibições e o funcionamento de Joana, de modo a respeitar o seu ritmo e realizar um atendimento considerando o seu desejo. Assim, o *hardware* e os *softwares* serviram como ferramentas de trabalho, auxiliando na mediação do trabalho.

### **Considerações finais**

A experiência relatada remete-nos a pensar nas contribuições desta abordagem de cunho interdisciplinar, utilizando as tecnologias de informação e comunicação através de objetos de aprendizagem. Entendemos que ela possa ser um recurso adicional para auxílio aos psicólogos, psicanalistas, psiquiatras e educadores, no trabalho de intervenção de pessoas com psicose. Foi por meio dessas intervenções e, sobretudo, reconhecendo o valor das mesmas que temos pensado em diferentes *softwares* e abordagens para ajudar a pessoa com psicose a construir uma imagem de corpo, considerando o ambiente virtual e o aporte teórico-técnico da Psicanálise. Não encontramos na literatura brasileira, americana e inglesa nenhuma referência de estudo de abordagem de intervenção de paciente com psicose utilizando a informática na educação como recurso terapêutico. Desta forma, consideramos que nosso estudo possa trazer contribuições científicas e sociais, no sentido de buscar outras possibilidades no trabalho com pessoas com psicose.

**Lisiane Machado de Oliveira-Menegotto**

lisianeoliveira@feevale.br

**Regina de Oliveira Heidrich**

rheidrich@feevale.br

### **Tramitação:**

Recebido em: 03/05/2012

Aprovado em: 22/05/2012

## Referências

- ALMEIDA, Maria E. B.; PRADO, Maria E. B. B. *Um retrato da informática em educação no Brasil*. 1999. Disponível em: <<http://www.proinfo.gov.br/http://www.proinfo.gov.br>>. Acesso em: nov. 2009.
- ALVES, Lynn. *A comunicação digital e as novas perspectivas para a educação*. In: Encontro da REDECOM, 1, 2002, Salvador. *Anais...* Salvador: REDECOM, 2002.
- BERGÈS, Jean. O corpo e o olhar do outro. *Escritos da criança*, Porto Alegre, n. 2, p. 51-65, 1988.
- BERNARDINO, Leda Mariza Fischer. A intervenção psicanalítica nas psicoses não-decididas da infância. In: Associação Psicanalítica de Porto Alegre. (Org.). *Psicose: aberturas da clínica*. Porto Alegre: APPOA: Libretos, 2007, p. 54-66.
- BERSCHI, Rita. *Introdução à tecnologia assistiva*. Porto Alegre: Centro Especializado em Desenvolvimento Infantil (CEDI), 2008.
- BOGATSCHOV, Darlene Novacov. *Jogos computacionais heurísticos e de ação e a construção dos possíveis em crianças do ensino fundamental*. Campinas: UNICAMP, 2001. Originalmente apresentado como dissertação mestrado. Universidade de Campinas, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2001.
- BRUDER, Maria Cristina Ricotta; BRAUER, Jussara Falek. A constituição do sujeito na psicanálise lacaniana: impasses na separação. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 12, n. 3, p. 513-521, 2007.
- CALLIGARIS, Contardo. *Introdução a uma clínica diferencial das psicoses*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- CUKIERT, Michele; PRISZKULNIK, Léia. Considerações sobre eu e o corpo em Lacan. *Estudos de Psicologia*, Natal, v. 7, n. 1, p. 143-149, 2002.
- DOLLE, Jean-Marie. *Para compreender Jean Piaget*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1999.
- DOLTO, Françoise. *A imagem inconsciente do corpo*. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- FAGUNDES, Léa da Cruz et al. AMADIS: Um Ambiente Virtual para apoio ao Desenvolvimento de Projetos de Aprendizagem. In: Simpósio Brasileiro de Informática na educação, 16, 2005, Juiz de Fora. *Anais...* Juiz de Fora, 2005.
- FERREIRA, Francisco Romão. A produção de sentidos sobre a imagem do corpo. *Interface: comunicação, saúde, Educação*, São Paulo, v. 12, n. 26, p. 471-83, 2008.
- FREUD, Sigmund. (1895). Projeto para uma psicologia científica. Rio de Janeiro: Imago, 1987. (Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 1).

- GOIDANICH, Marcia. Configurações do corpo nas psicoses. *Psicologia e Sociedade*, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 65-73, 2003.
- GRANT, Walkiria Helena. O diagnóstico estrutural e sua relação com a transferência em um tratamento analítico. *Ágora*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 187-201, 2007.
- HEIDRICH, Regina de Oliveira. *Análise de processo de inclusão escolar de alunos com paralisia cerebral utilizando as tecnologias de informação e comunicação*. Porto Alegre: UFRGS, 2004. Originalmente apresentada como tese de doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação, 2004.
- HERRMANN, Maurício Castejón. O real na psicose. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 15, n. 1/2, p. 279-293, 2004.
- KUPFER, Maria Cristina Machado. *Notas sobre o diagnóstico diferencial da psicose e do autismo na infância*. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 85-105, 2000.
- KUPFER, Maria Cristina Machado; BERNARDINO, Leda Mariza Fischer. As relações entre construção da imagem corporal, função paterna e hiperatividade: reflexões a partir da pesquisa IRDI. *Revista Latino-Americana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 45-58, 2009.
- LACAN, Jacques (1949). O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica. In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 96-103.
- \_\_\_\_\_. (1953). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 238-324.
- \_\_\_\_\_. (1960). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 807-842.
- LAZZARINI, Eliana Rigotto; VIANA, Terezinha de Camargo. O corpo em psicanálise. *Psicologia: teoria e pesquisa*, Brasília, v. 22, n. 2, p. 241-249, 2006.
- LE BOULCH, Jean. *O desenvolvimento psicomotor: do nascimento até 6 anos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- LEVIN, Esteban. *A clínica psicomotora: o corpo na linguagem*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- PASSERINO, Liliana Maria. *Pessoas com autismo em ambientes digitais de aprendizagem: estudo dos processos de interação social e mediação*. Porto Alegre: UFRGS, 2005. Originalmente apresentada como tese de doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação, 2005.
- PAVONE, Sandra; RAFAELI, Yone Maria. Diagnóstico diferencial entre psicose e

autismo: impasses do transativismo e da constituição do outro. *Estilos da Clínica*, São Paulo, v. 16, n.1, p. 32-51, 2011.

PELEGRINI, Ana Maria et al. Comportamento motor no processo de escolarização: buscando soluções no contexto escolar para a alfabetização. In: GALENO, Wilson; GUEDES, Álvaro. *Cadernos do Núcleo de Ensino*. São Paulo: UNESP - PROGRAD, 2003. p. 271-284.

PIAGET, Jean. A explicação em psicologia e o paralelismo psico-fisiológico. In: PIAGET, P. Fraise, J. *Tratado de psicologia experimental*. Rio de Janeiro: Forense, 1969. p. 121-152.

PRÓCHONO, Caio César S. C. et al. Efeitos da ineficácia simbólica no corpo infantil. *Estilos da Clínica*, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 130-149, 2010.

SANTAROSA, Lucila Maria Costi. Inclusão Digital: espaço possível para pessoas com necessidade educacionais especiais. *Cadernos de Educação Especial*, Santa Maria, n. 20, p. 13-30. 2002.

SANTAROSA, Lucila Maria Costi et al. Acessibilidade em Ambientes de Aprendizagem por Projetos: construção de espaços virtuais para inclusão digital e social de PNEEs. *Revista Novas Tecnologias na Educação*, Porto Alegre, v. 5, n. 1, p. 1-11, 2007.

VALENTE, José Armando. *Computadores e conhecimento: repensando a educação*. Campinas: UNICAMP, 1993.

VORCARO, A. A angústia nos autismos e nas psicoses infantis. *Revista Reverso*, v. 30, n. 56, p. 27-34, 2008.